

HEIDEGGER E O PENSAMENTO FENOMENOLÓGICO EM GEOGRAFIA: SOBRE OS MODOS GEOGRÁFICOS DE EXISTÊNCIA¹

Eduardo MARANDOLA JR.²

Resumo

A fenomenologia existencial de Heidegger tem sido referendada como importante para o pensamento geográfico, especialmente pela Geografia Humanista, que busca a construção de uma fenomenologia geográfica. Esta influência envolve desde uma orientação mais geral sobre o conhecimento científico e o mundo da vida (experiência), passando pela reestruturação de conceitos e entendimentos, pela formulação de princípios epistemológicos, chegando à própria revisão do estatuto ontológico da ciência geográfica, centrado no conceito de habitar. Este artigo compõe um esforço de realizar a sistematização das repercussões das diferentes fenomenologias no pensar e no fazer geográfico. Para isso, investiga a influência do pensamento de Heidegger na formação e consolidação da abordagem fenomenológica no movimento humanista estadunidense. Partindo de um mapeamento das utilizações das ideias de Heidegger pelo coletivo humanista nos anos 1960 e 1970, selecionamos um dos autores que se utilizou de seu pensamento de forma mais abrangente, tomando-o como fundamento para uma ontologia geográfica: Edward Relph. A partir do entendimento heideggeriano de ser-no-mundo como fundamento da experiência geográfica, Relph propõe o próprio repensar da origem da Geografia a partir da fenomenologia, entendendo a experiência do mundo como experiência geográfica.

Palavras-chave: Martin Heidegger. Ontologia. Habitar. Fenomenologia geográfica. Geografia Humanista. Pensamento Geográfico.

Abstract

Heidegger and the phenomenological thought in geography: on geographical ways of existence

Heidegger's existential phenomenology has been considered important for the geographical thought, especially by Humanist Geography, which seeks the construction of a geographical phenomenology. This influence involves from a more general guideline on scientific knowledge and the world of life (experience), going through the restructuring of concepts and understanding, through the formulation of epistemological principles, arriving at the review of the ontological statute of geographical science itself, centered in the concept of dwelling. This article composes and effort to conduct a systematization of the repercussions of the different phenomenologies in the geographical thought and actions. For such, it investigates Heidegger's influence of thought in the formation and consolidation of the phenomenological approach in the U.S. humanist movement. Starting with a mapping of the use of Heidegger's ideas by the humanist collective in the 60's and 70's, using one of the author's that has used his thoughts in the most broadening manner, taking it as fundament for a geographical ontology: Edward Relph. From his heideggerian understanding of being-in the-world as fundament of the geographic experience, Relph proposes the rethinking of the origin of Geography itself with phenomenology as a starting point, understanding the experience of the world as a geographical experience.

Key words: Martin Heidegger. Ontology. Dwelling. Geographical Phenomenology. Humanist Geography. Geographical Thought.

¹ Este artigo apresenta resultados do projeto "Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia", desenvolvido no Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (CNPq/UFF). <http://geografiahumanista.wordpress.com/>.

² Núcleo de Estudos de População, Avenida Albert Einstein, 1300, Campus Universitário Universidade Estadual de Campinas - CEP 13081-990 - Campinas, São Paulo. E-mail: eduardom@nepo.unicamp.br

GEOGRAFIA, FILOSOFIA E FENOMENOLOGIA

Quais as dimensões próprias do ser? Quais as dimensões próprias da geografia? A relação homem-espaço preocupou diferentes filósofos ao longo do tempo, constituindo-se no cerne do próprio pensamento geográfico. No entanto, as reverberações das concepções filosóficas possuem uma interferência que transforma o discurso e o pensamento filosófico, modulando-o à prática científica.

A Geografia, ciência construída sobre bases empíricas, amarga um diálogo raso ou de terceira mão com os filósofos, afetando-se por ondas secundárias ou terciárias de pensamento. As influências diretas do pensamento filosófico nos escritos e na prática geográfica são pouco discerníveis, menos pela formação dos geógrafos (tantos com profunda e ampla formação) e mais pela prática que por muito tempo alijou o cientista da prerrogativa da reflexão teórica.

Além disso, poucos são os filósofos que se dedicam a pensar a Geografia e seus problemas fundamentais, tendo os próprios geógrafos, dentro de suas limitações, que desenvolver reflexões epistemológicas sobre sua disciplina, fundamentais para sua evolução, compreensão e desenvolvimento. Notáveis exceções são os contemporâneos Edward S. Casey, Jeff Malpas e Jean-Marc Besse (CASEY, 2001; MALPAS, 1999; 2008; BESSE, 2006), dentre outros.

As áreas mais desenvolvidas neste sentido são a metodologia e a epistemologia que, apesar das dificuldades, são campos fecundos que têm ocupado, desde a provocante obra de Richard Hartshorne, *The nature of Geography*, de 1939, lugar importante nas preocupações dos geógrafos. Esta obra marcou época e retirou definitivamente a Geografia do campo exclusivo das ciências empíricas, de síntese e aplicação (HARTSHORNE, 1939). De lá para cá muito tem se discutido sobre propósitos, objetivos e o próprio objeto da Geografia, bem como seu lugar entre as ciências.

Infelizmente, no entanto, o mesmo não pode ser dito da ontologia. Os esforços de realizar tal discussão, no Brasil ou no exterior, ainda são pontuais e constituídos por esforços individuais (SILVA, 1982; PICKLES, 1985; SANTOS, 1996; HOLZER, 1998; 2010; BERQUE, 1999; HOYAUX, 2003; MOREIRA, 2004; MARTINS, 2008; REIS, 2009). Este silêncio é tanto mais sintomático se levarmos em consideração que a mais profunda obra de ontologia geográfica foi publicada em 1952, e permanece ainda hoje tendo produzido repercussões aquém do que poderia, ausente, inclusive, de muitas das reflexões listadas acima. *O homem e a terra*, de Eric Dardel (recentemente traduzido para o português), talvez seja o grande livro esquecido do século XX no pensamento geográfico (DARDEL, 2011). Embora resgatado do esquecimento absoluto nos anos 1990, sua contribuição à ontologia ainda é muito marginalmente utilizada na Geografia³.

O resultado é que, embora tenhamos reflexões de significado filosófico, carecemos de um debate maior sobre a geograficidade do ser-no-mundo contemporâneo em sua fenomenologia espacial fundante.

Uma das formas que tem sido buscada para suprir tais lacunas é o diálogo mais estreito com o pensamento de alguns filósofos que, mesmo sem terem dedicado atenção específica à Geografia, ocuparam-se, no campo da ontologia fenomenológica, com os problemas concernentes ao homem e o espaço.

Entre estes, destaca-se Martin Heidegger que, embora seja comumente considerado um filósofo que subjugou o espaço ao tempo (argumento central de sua principal e inacabada

³ No Brasil, assim como nos Estados Unidos, alguns autores ligados ao movimento humanista tomaram a leitura de Dardel como base de suas inquietações, inclusive, em alguns casos, suas contribuições ontológicas (HOLZER, 1992; 1998; 2001; GRATÃO, 2002; 2007; LIMA, 2002; NOGUEIRA, 2004; 2006; MARANDOLA JR.; 2008a; 2008b).

obra, *Ser e tempo*) (HEIDEGGER, 2002), trouxe no devir de seu pensar o sentido da existência fundado no habitar. Este é a própria expressão da espacialidade do ser, enquanto forma de ser-e-estar-no-mundo, poeticamente⁴. Seu pensamento evoluiu em direção ao espaço e à linguagem, a partir de um repensar o sentido da ciência, da filosofia e do pensamento. Na sua busca incessante de retirar o ser do esquecimento que a metafísica o lançou, Heidegger fez revelar o sentido geográfico da espacialidade e, no caminho, anteviu o próprio significado da existência na era do império da técnica e da incerteza: nosso mundo.

Seu pensamento tem sido reconhecido como um dos mais fecundos e importantes do século XX, produzindo repercussões nos mais vastos campos do pensamento contemporâneo. Como este pensar influenciou/influencia a Geografia? Quais as implicações de um pensamento geográfico projetado a partir de uma matriz heideggeriana?

Heidegger é um pensador que não entrou nas primeiras reconstruções do pensamento geográfico pós-Segunda Guerra Mundial, gestadas principalmente nos Estados Unidos, na Inglaterra e na França, por ser alemão, o que gerava um ocultamento *a priori*, mas principalmente por suas ligações com o início do regime de Adolf Hitler. Mas se o pensamento geográfico em geral ignorou a filosofia de Heidegger nos anos 1950 e 1960, o mesmo não pode ser dito daquele movimento humanista que buscou na fenomenologia uma matriz filosófica para as reconstruções epistemológicas que ocorriam naqueles anos pós-Segunda Guerra Mundial (HOLZER, 1992). O que impedia boa parte do mundo anglo-saxão de ler Heidegger, a marginalidade geral que seu pensamento experimentou no ensino universitário americano nos anos 1950 e 1960, atingiu parcialmente este grupo, talvez pela própria importância menor que a dimensão ideológica ocupava entre os geógrafos deste movimento.

Entre estes geógrafos, fundadores da chamada Geografia Humanista, Heidegger foi um autor fecundo em vários sentidos e níveis de profundidade (MARANDOLA JR., 2009). A partir dos anos 1970, especialmente, foi incorporado gradativamente às reflexões geográficas, com maior presença nos últimos 20 anos, quando parte não traduzida de sua obra começa a vir à luz de forma mais sistemática, revelando meandros e mudanças no pensamento do chamado último Heidegger que o aproximam mais de uma ontologia da espacialidade.

O objetivo deste artigo é discutir a influência do pensamento heideggeriano na construção de uma abordagem fenomenológica em Geografia, no interior da Geografia Humanista. Farei isso em três movimentos:

- (1) Mapear como os estudos humanistas, de orientação fenomenológica, utilizaram o pensamento de Heidegger enquanto base epistemológica e ontológica. Como recorte metodológico deste estudo, vou me concentrar nas repercussões e incorporação do pensamento de Heidegger no movimento humanista neste grupo de geógrafos que originou a Geografia Humanista nos anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos. Outro capítulo desta história é a incorporação do pensamento de Heidegger na matriz francesa do humanismo em Geografia, principalmente a partir de Dardel e nos desenvolvimentos mais recentes (pós-1990), aos quais me dedicarei em outros trabalhos;
- (2) Compreender a influência de Heidegger na geografia fenomenológica de Edward Relph, geógrafo canadense, provavelmente o autor que de forma mais significativa incorporou a filosofia do alemão, embora não na forma de uma geografia heideggeriana. Relph propôs uma ontologia geográfica a partir de Heidegger, reelaborando o estatuto do conhecimento geográfico a partir da experiência;
- (3) Por fim, o terceiro movimento, à guisa da conclusão, é refletir sobre as possibilidades abertas pelo pensamento heideggeriano para uma fenomenologia geográfica contemporânea a partir de sua noção de habitar (*dwelling*): seu conceito mais fecundo para uma ontologia geográfica.

⁴ Sobre o sentido heideggeriano de poética, ver Heidegger (2001b), Saramago (2008).

A INFLUÊNCIA DE HEIDEGGER NA GEOGRAFIA HUMANISTA ESTADUNIDENSE

A influência do pensamento de Heidegger no movimento da Geografia Humanista é mais nítida naqueles autores que buscaram, de forma mais sistemática, bases fenomenológicas para a reconstrução epistemológica da Geografia. Mas mesmo entre estes, poucos incorporaram suas questões ontológicas mais de fundo, restringindo a influência ao uso de conceitos ou preceitos específicos.

Um dos pioneiros a realizar tal incorporação foi Edward Relph, em sua famosa tese de doutorado, de 1973, publicada três anos depois como o livro *Place and placelessness* (RELPH, 1976). Embora não tenha incorporado uma perspectiva heideggeriana, conceitos como o de habitar foram centrais para construção de sua noção de lugar e o sentido existencial ligado a ele (MARANDOLA JR., 2010). Centra todo seu entendimento de lugar e lar associado às relações que o conceito heideggeriano estabelece entre homem, terra, o ser e os deuses, base do cuidado e da proteção (HEIDEGGER, 2001). Esta noção foi fundamental para Relph pensar a relação entre paisagem e lugar, assim como para dimensionar as várias dimensões do lugar, que envolvem o construir tanto quanto a memória, os valores e a própria existência.

Outros conceitos heideggerianos que Relph utiliza para erigir seu argumento é o de identidade e diferença (baseados no ensaio com este título (HEIDEGGER, 1999)), os quais oferecem ao autor uma base experiencial de compreensão da identidade dos lugares, estendendo-se assim ao binômio autenticidade-inautenticidade, do qual Relph também bebeu de fonte heideggeriana. Este binômio é, na verdade, a espinha dorsal da tese de Relph, o qual procura no *Dasein* fonte para estabelecer as condições próprias do que Heidegger denomina uma existência autêntica. Relph transfere para o lugar estas características, entendendo autenticidade como um modo próprio de ser, que implica a liberdade e responsabilidade da própria existência humana (RELPH, 1976, p.64).

J. Nicholas Entrikin, um grande epistemólogo, avançou muito em direção à ideia de espaço existencial, especialmente pela sua leitura de Heidegger. Em seu clássico artigo *Contemporary Humanism in Geography*, publicado em 1976, Entrikin trabalha o *Dasein* (ser-aí) e as considerações heideggerianas sobre o espaço para fundamentar sua proposta de uma fenomenologia existencial do espaço (ENTRIKIN, 1976). O autor parte da concepção de ser-no-mundo atrelado ao habitar e ao *Dasein*, entendendo a posição-situação como inerente ao ser, numa relação espaço-temporal que ultrapassa a delimitação científica de posição. A circunstancialidade é existencial, afetiva e simbólica, e é assim que o homem se coloca no mundo (MARANDOLA JR., 2011). A ideia de uma Geografia Humanista como fenomenologia existencial⁵ depende, sobretudo das considerações de Heidegger, tanto sobre o humanismo quanto do ser e, por isso, na senda aberta por Entrikin, Heidegger é fundamental, embora apareça de forma discreta no texto (MARANDOLA JR., 2005).

Anne Buttimer, outra autora pioneira do movimento humanista, também faz menção a Heidegger desde suas primeiras contribuições. Apesar de *Values in Geography*, seu primeiro trabalho de maior vulto dedicado à temática, não se referir a Heidegger (BUTTIMER, 1974), o clássico texto de 1976, *Grasping the dynamism of lifeworld*, inicia fazendo menção ao habitar como conceito central para uma geografia orientada pela fenomenologia. Segundo a autora, a humanização da terra pode ser vista como um processo pelo qual a Humanidade tem buscado vários estilos de habitar no espaço e no tempo, sendo, portanto, fundamental para entender a relação homem-lugar. Buttimer destaca que habitar se refere ao mundo

⁵ Isso implica um repensar não apenas temário da Geografia Humanista, mas colocar a questão da existência enquanto experiência geográfica no cerne de um repensar epistemológico da disciplina.

vívido (*Lebenswelt*) permitindo uma análise ontológica essencial da sociedade a partir das diferentes formas de habitar, seja a cidade, o campo ou a região (BUTTIMER, 1976).

No entanto, esta primeira menção é mais uma inspiração do que epistemologicamente fundante de seu pensar ou de uma ontologia geográfica. Buttimer traçará reflexões de maior fôlego posteriormente, como no texto "Nature, water symbols, and the human quest for wholeness", de 1985 (BUTTIMER, 1985). Nele, a autora parte da fecunda noção de habitar em direção ao sentido holístico da existência, representado pela quadratura do habitar: a terra, o céu, os mortais e os deuses (HEIDEGGER, 2001a). Os sentidos da água, enquanto elemento essencial da quadratura (e, portanto, do ser) é explorado pela autora a partir da manifestação de sua inteireza, em busca de uma compreensão homem-ambiente essencial.

A centralidade da noção de habitar é mais evidente quando acompanhamos sua incorporação pelas discussões urbanas. Os trabalhos de David Seamon, um arquiteto que se doutorou em Geografia (orientado pela própria Buttimer) e tem trabalhado na interface urbanismo-geografia-ecologia, mostram como o pensamento de Heidegger é importante neste campo específico de estudo do ambiente em sentido humanista. Segundo Seamon (1993, p.3), habitar "provides one conceptual means for considering building as it might sustain and mirror the worlds of particular persons, groups and environments." O trabalho de vários arquitetos ou filósofos do urbano tem mostrado como esta noção é estimulante para pensar o habitar contemporâneo em seu sentido essencial (NORBERG-SCHULZ, 1980; HARRIES, 1993).

Caixa 01: Conceitos e ideias heideggerianas utilizadas por geógrafos humanistas estadunidenses

- Ser-aí (*Dasein*)
- Habitar (*dwelling*)
- Ser-no-mundo
- Identidade e diferença
- Autenticidade
- Quadratura do habitar
- Entendimento do tempo
- Comportamento – práticas corporais
- Posição-situação

Apesar desta riqueza e dos avanços que podemos identificar na forma como o pensamento de Heidegger era utilizado nos anos 1970 e depois, poucos estudos efetivamente mergulharam em seu pensar como o fez John Pickles, no livro *Phenomenology, science and geography: spatiality and the human sciences*, que considero um dos melhores estudos epistemológicos para uma fenomenologia geográfica (PICKLES, 1985).

Embora não seja uma reflexão específica sobre Heidegger, o autor coloca o pensamento do filósofo ao lado dos demais fenomenologistas que ajudaram a construir a possibilidade científica da fenomenologia, especialmente Husserl, Merleau-Ponty e Schütz, com os próprios geógrafos e cientistas sociais que se empenharam no entendimento da espacialidade humana. Ele acompanha a superação heideggeriana da fenomenologia descritiva husserliana em busca da dimensão ontológica do ser. Para Pickles (1985), o questionamento ontológico é o fundamento mais importante do pensamento fenomenológico para a Geografia, constituindo-se, igualmente, na sua maior contribuição às ciências humanas, situando a Geografia como a ciência regional do espaço.

Para tanto, a ontologia do *Dasein*, o habitar, a diferenciação entre *res corpórea* e *extension*, assim como seu entendimento da região e do lugar são centrais para este intento. Tais ideias seminais do pensamento heideggeriano são imprescindíveis para a construção de uma ontologia da espacialidade, bem como para uma fenomenologia geográfica contemporânea.

Estas possibilidades, no entanto, não conseguiram frutificar de forma ampla até os anos 1990. Nesta época, a difusão maior das obras de Heidegger, traduzidas em mais línguas e em maior número, e com a ampliação das fronteiras epistemológicas, permitiram que novos autores se voltassem a seu estudo, resultando, de um lado, no aparecimento de filósofos dedicados à ontologia do espaço, e de outro, que pesquisadores que não estivessem,

necessariamente, comprometidos com um projeto fenomenológico, incorporassem conceitos e noções heideggerianas em seu pensar para elaborar suas próprias questões. Um exemplo é a bibliografia dedicada ao tempo e à temporalidade, e aquela que se preocupa com a dimensão da corporeidade, as quais têm recorrido a Heidegger para explorar seu entendimento de tempo e as implicações de sua ontologia para o conceito de comportamento e de corporeidade no mundo contemporâneo (PILE e THRIFT, 1995; RODAWAY, 1995). Por outro lado, Heidegger é buscado para fundamentar a compreensão do ser-no-mundo na contemporaneidade (JONES III, 2001), colocando seu pensamento no centro da discussão da sociedade e do espaço hoje.

Mas de todos, talvez tenha sido Edward Relph quem primeiro e de forma mais consistente tenha incorporado ideias heideggerianas à base de sua busca por uma perspectiva fenomenológica para a Geografia.

A BUSCA DE UMA ONTOLOGIA GEOGRÁFICA: HABITAR E A EXPERIÊNCIA GEOGRÁFICA DO SER-NO-MUNDO

Habitar e segurança existencial

A noção de habitar é mais do que simplesmente morar em um local. Habitamos a casa, o bairro, a cidade, a região e, em última análise, a Terra. Nesta leitura, habitar é a expressão do próprio ser-e-estar-no-mundo, constituindo-se enquanto fundamento do ser-no-mundo, envolvendo lugares, territórios e espaços de vida. Habitar é o próprio *Dasein*, implicando um conjunto fenomênico de elementos que são mediados pelas ações intencionais e do querer do homem. A existência é fundada num habitar, e este marca, demarca e transforma o espaço. Muitas formas de habitar só se desenvolvem em certa duração, implicando conhecimento, vivência e um envolvimento com a comunidade, a cultura local e o estabelecimento de territorialidades. Em vista disto, espaço e tempo são elementos fundamentais do ser-e-estar fundado no habitar.

Enquanto expressão da existência, do modo de ser-no-mundo, habitar envolve ações e sentidos espaciais experienciados que dão sentido ao geográfico.

Elvio Martins explora alguns destes sentidos, entendendo o geográfico como fundamento do ser-e-estar no mundo. O autor afirma que este é dinâmico, assim como os lugares e a experiência destes: "[...] os entes modificam-se, movimentam-se, metamorfoseiam-se, estão em constante fundamento ontológico do seu ser, estabelece-se como subjetividade." (MARTINS, 2007, p.43). A própria geograficidade é móvel, afirma o autor. O movimento se dá pela localização, proximidade, distância, distribuição e extensão. Destes, a **proximidade** é elemento chave de compreensão do *Dasein* em Heidegger, funcionando como elemento catalizador dos sentidos espaciais do ser. Ligia T.S. Pádua afirma que como o *Dasein* está mergulhado na facticidade da vida, o ponto para compreensão dessa espacialidade acontece a partir do que é mais próximo na vida cotidiana, "[...] tornando as **coisas** que o cercam referências iniciais e fundamentais para uma configuração não apenas de seu próprio lugar – seu espaço de ação –, como também para a compreensão de regiões que se estendem para além delas" (PÁDUA, 2008, p.12-13 – grifos do autor). A própria ideia de fenômeno contém a proximidade, que implica referencialidade ao entorno e aos entes.

Heidegger fala de uma **proximidade direcionada**, composta pelo distanciamento (o distanciar fundado na possibilidade de aproximar ou diminuir distâncias), pela região ou circundade (ambiente onde uma coisa particular pode mover-se) e pela orientação (o norteador do ser-no-mundo). Essa proximidade direcionada, segundo Pádua (2008, p.60), "[...] irá determinar tanto a espacialidade do manual intramundano quanto a do próprio *Dasein* [...]."

A autora afirma que essa distância nunca é medida, mas é fundada no uso habitual e, entendido como “**remoção de distâncias**” no lidar cotidiano, expressa a busca pelo aumento da velocidade para evitar a perda de tempo no decorrer dessa cotidianidade. “Isso se traduziria, principalmente, nos esforços da tecnologia para encurtar distâncias espaciais e temporais.”

A circundade se refere explicitamente à espacialidade, estando associado, no pensamento de Heidegger, diretamente a lugar. Este, entendido a partir da direção e do distanciamento, ajuda a compreender a espacialidade do *Dasein* em *Ser e tempo*:

A proximidade direcionada ao instrumento significa que ele não ocupa uma posição no espaço, meramente localizada em algum lugar [...] O local e a multiplicidade de locais não devem ser interpretados como o onde de qualquer ser simplesmente dado de coisas. O lugar é sempre o ‘aqui’ e ‘lá’ determinados a que **pertence** um instrumento. [...] A condição de possibilidade da pertinência localizável de um todo instrumental reside no para onde a que se remete a totalidade de locais de um contexto instrumental. (HEIDEGGER, 2002, p.150 – grifos do autor)

Essa espacialidade nada tem que ver com a localização geométrica, sendo, ao contrário, temporal e espacial. Isto porque a existência é movimento interior: **intencionalidade** e **volição**. Tendemos aos objetos, e eles vêm ao nosso encontro. Nos encontramos a partir das ações que tencionamos, que nada mais são do que exercícios do querer. São as experiências do querer que nos dão certeza sobre o ser-aí de objetos exteriores à consciência. O nosso querer possui uma relação análoga ao ser-assim das coisas, assim como o nosso intelecto nos conduz à sua *essentia*. “As coisas opõem resistência à nossa vontade e ao nosso esforço e é nessa resistência que vivenciamos a realidade das coisas.” (HESEN, 2003, p.80). O ser é intencionalidade e volição, não apenas na sua relação com os objetos, mas também com o outro. O *Dasein* significa “[...] o existir em cada caso particular, no aí, no ‘estar sendo’ de cada um.” (PÁDUA, 2008, p.10). *Dasein* é, portanto, o ser-com, mas não como mera presentificação. O sentido do ser-com revela a necessidade ontológica do outro para o ser. O “aí” é o sentido social e temporal da essência do ser: sou entre os meus.

Os outros não significa todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, **ninguém** se diferencia propriamente, entre os quais também se está. [...] ‘Com’ e ‘também’ devem ser entendidos **existencialmente** e não categorialmente. Na base desse ser-no-mundo **determinado pelo com**, o mundo é sempre o mundo compartilhado com os outros. O mundo d[o *Da-sein*] é **mun-do compartilhado**. O ser-em é **ser-com** os outros. O ser-em-si intramundano destes outros é **co-pre-sença**. (HEIDEGGER, 2002, p.170 – grifos do autor)

No contexto de sua ontologia fundamental, esse “aí” implica também a espacialidade fática (referente à faticidade), que é definida pela temporalidade. O caráter espacial desse ser-aí, portanto, é muito frágil em *Ser e tempo*, embora Heidegger tenha afirmado explicitamente que o próprio *Dasein* “[...] é ‘espacial’, no tocante a seu ser-no-mundo.” (HEIDEGGER, 2002, p.152). Essa afirmação, aparentemente clara e direta se enfraquece ao longo da discussão e se dilui na importância da temporalidade, embora tenha deixado aberto o caminho que será trilhado posteriormente pelo autor. Na verdade, o espaço cresceu gradativamente em importância e se manteve como um dos seus temas fundamentais até sua morte. Pádua (2008) aponta que mesmo em *Ser e tempo*, enquanto obra inconclusa, continha os elementos que reclamariam o papel do espaço na sua ontologia. Assim, embora alguns autores julguem a ontologia heideggeriana excessivamente temporal, o que a afastaria da Geografia ou de uma ontologia espacial (SOJA, 1989), ou promovendo uma ontologia que reduziria o

espaço ao lugar (MASSEY, 2008), a análise da obra de Heidegger como um todo, em especial de sua fase madura, permite não apenas pensar de forma substancial a espacialidade do ponto de vista de uma ontologia geográfica, como até repensar *Ser e tempo* do ponto de vista de suas contribuições para a construção dessa perspectiva.

O foco destas análises é o próprio *Dasein*, que posterior a *Ser e tempo* continuou no centro da sua discussão, mas foi reconduzida a seu sentido espacial e temporal. Holzer (1998, p.37) movimenta essa concepção para sua metodologia fenomenológica, entendendo-a como "[...] a raiz do intercâmbio do ser com o seu suporte; do ser com o mundo; entre os entes, humanos ou não; entre as sociedades e as culturas. Ela é, ademais, o ponto de referência sobre o qual experimentamos a passagem do tempo; ela é a base sem a qual a história não pode acontecer."

Pádua (2008) assinala que Heidegger procura ampliar a questão do espaço em relação aos limites impostos pelas ciências, principalmente pela geometria e pela física, concebendo-o atrelado à interioridade da consciência subjetiva. Tudo o que ocorre depois de *Ser e tempo* constitui uma verdadeira genealogia do espaço, expressa em uma equiparação tempo e espaço na própria questão do ser. Assim, questões e conceitos são revistos e têm sua dimensão espacial reforçada, expressas pela noção de habitar.

O conceito acompanhou a evolução do pensar a espacialidade do *Dasein*, ganhando destaque gradativo a ponto de ser considerado o tópico central do pensamento do "último Heidegger", inclusive no que se refere à sua ontologia fundamental (YOUNG, 2000).

O habitar é a própria essência da relação homem-meio, expressa em sua totalidade vivida, em suas ligações com o construir. Heidegger comenta pelo menos quatro sentidos básicos que compõe o habitar: (1) construir é propriamente um habitar; (2) habitar é o modo como os mortais são e estão sobre a terra; (3) de-morar-se; e (4) resguardar. Habitar não é, portanto, simplesmente edificar e morar: envolve o demorar-se (a pausa necessária ao envolvimento) e o resguardo tanto dos mortais quanto da Terra. Mais importante, no entanto, é que habitar é o modo essencial de ser-e-estar dos mortais sobre a terra, ou seja, a relação homem-lugar é um habitar a partir de um construir. Mas que construir é esse? O construir das relações que garantem às pessoas, ao indivíduo, à terra e ao lugar continuar **sendo**. Todas as atividades que envolvem esse cultivar e esse crescimento estão implicadas no construir que, por sua vez, é o próprio habitar. **O habitar, portanto, é o modo próprio do homem ser-e-estar-no-mundo.**

De fato, habitar recebe papel cada vez mais importante na ontologia heideggeriana, permitindo agregar significados e sentidos, se impondo "[...] como um conceito da maior relevância, reunindo em si os conceitos de espaço, tempo, lugar e o todo das relações que neles vão se estabelecendo sob a marca da **proximidade**." (PÁDUA, 2008, p.95 – grifo do autor). O próprio pensar em Heidegger está relacionado à proximidade e, enquanto tal, ao habitar, ao espaço e ao lugar. É um pensar na simplicidade, tendência que dominou seu pensamento após *Ser e tempo* (FOLTZ, 1995).

Mas de que maneira estaria habitar ligado ao *Dasein*? Habitar remete diretamente ao *Da-sein*, constituindo-se num elo fundamental que permite compreender a intencionalidade e a volição do ser em sua dimensão espacial e social, dilatando-se a ponto de envolver o que "[...] poderia imprecisamente chamar de 'espaços interiores' e 'espaços exteriores' dessa espacialidade que se estabelece a partir do *Da-sein*." (PÁDUA, 2008, p.13). O elo para esse salto é o demorar-se e o resguardo, os quais, enquanto traços essenciais do habitar, se referem ao envolvimento visceral homem-Terra, tal como sugerido por Dardel (2011), ou como na concepção de lugar de Tuan (1975; 1977), implicando a permanência e o envolvimento. No resguardo está implicado o demorar-se, sendo próprio dele a proteção dos mortais e da terra preservando-os do dano e da ameaça. Resguardo é ação positiva de preservar, permitindo o crescimento, o frutificar. "Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência." (HEIDEGGER, 2001a, p.129). É a proteção sublime.

Essa segurança está relacionada à essência do próprio homem enquanto habita, pois “os mortais **são**, isso significa: **em habitando** têm sobre si espaços em razão de sua demora junto às coisas e aos lugares.” (HEIDEGGER, 2001a, p.136 – grifos do autor). O *Dasein* não é descolado de uma narrativa espacial entre lugares, territórios e do próprio mundo circundante. Esta é a própria essência do habitar que, por sua vez, é a determinação do ser-homem. “A referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar. A relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial.” (HEIDEGGER, 2001a, p.137).

Heidegger nos ajuda a abrir caminhos no pensar a situação do ser na sociedade contemporânea, em sua geograficidade. Esta se manifesta a partir da ligação íntima habitar-lugar, enquanto fenômeno geográfico vivido e iluminado pela experiência de uma pessoa, que dota o espaço de sentido.

Ser-no-mundo como ontologia geográfica

Edward Relph elabora uma ontologia para a geografia, desviando-se um pouco do caminho da ontologia fundamental e da centralidade da discussão do habitar, procurando estabelecer um ponto de diálogo mais explícito entre Heidegger e Dardel⁶. Faz isso num texto sobre origens fenomenológicas da Geografia (RELPH, 1985). Para isso, ele toma a ideia de experiências geográficas de Dardel e a discussão do ser-no-mundo de Heidegger, conduzindo esta reflexão às essências geográficas de região, paisagem e lugar. A maior preocupação de Relph, neste texto, é dialogar as duas ontologias, uma mais visceral e telúrica (Dardel) e outra mais essencial e tecnicizada (Heidegger), colocando sérios desafios ao equilíbrio entre os entes e o ser, além de uma dificuldade inerente de pensar a experiência geográfica do ser-no-mundo na modernidade técnica.

Relph busca uma ontologia em Heidegger, utilizando sua ideia de ser-no-mundo para repensar a própria essência da geografia. Diferente do que ocorre nos anos 1970 na maioria dos trabalhos dos geógrafos humanistas, aqui a fenomenologia se presta para um repensar a própria ontologia da Geografia.

A preocupação de Relph está na relação entre **Geografia** (científica), **experiência geográfica** e **ser-no-mundo**. Para ele, é a curiosidade o que move o geógrafo, as pessoas e o ser. As diferenças dos lugares entre si e suas particularidades seriam os principais atrativos a capturar a curiosidade e estariam na essência de toda a geografia científica: um desejo por conhecer o desconhecido, de experimentar o não experienciado, de ir aonde nunca se foi.

Notamos aqui a influência de Dardel, a partir do qual Relph erige também a ideia de experiência geográfica com base na geograficidade do geógrafo francês: “Geograficidade é, portanto, discreta, discretamente familiar, mais vívida do que discutida. É, de fato, uma nomenclatura das formas geográficas de ser-e-estar-no-mundo.” (RELPH, 1985, p.21) Ao estabelecer esta conexão, Relph requer para sua reflexão ontológica a ligação orgânica Homem-Terra que é a base do entendimento da existência tal como proposto por Dardel (1952): um telurismo que se funde com outros elementos (como o aéreo e o aquático) na explicitação da natureza da realidade geográfica. A existência e a experiência são geográficas, pois é pela geograficidade que nos reconhecemos ser-no-mundo.

A partir desta base, Relph (1985) busca o entendimento heideggeriano de ser-no-mundo, definindo a partir de três entendimentos: 1) “ser-no” é um tipo de relação que inclui

⁶ Embora Dardel tenha citado Heidegger de forma direta apenas pontualmente, a influência do filósofo se faz sentir no cerne das ideias de Dardel, especialmente na sua concepção de existência. Uma análise mais detida sobre esta influência ainda está para ser feita.

todo envolvimento de trabalho, afetação, responsabilidade, interesse e memória; 2) ser-no-mundo é um meio de implicação do eu; e 3) “no-mundo” envolve mais que simplesmente a natureza daquilo que nos rodeia. Para clarificar esse último ponto, Relph lança mão de dois conceitos da ontologia fundamental de Heidegger que expressam existências diferentes em relação ao ser:

- **Ser simplesmente dado** (*Presence-at-hand* - *Vorhandenheit*): puramente presentes, como um objeto perante um sujeito independente de seu uso pragmático e de seu sentido no contexto do mundo. Aquilo que está objetivado – não cabe a pergunta sobre sua utilidade: uma pedra é uma pedra. São os entes intramundanos.
- **Ser à mão** (*Readiness-to-hand* / *ready-to-hand* - *Zuhandenheit*): prontas-para-uso, ao alcance das mãos. Entes e seres que possuem função, objeto de trabalho, preocupação. São os seres mundanos, que estão implicados no mundo fenomenológico da existência.

A técnica substituiu em grande medida a curiosidade e o envolvimento emocional com lugares e paisagens, mudando as experiências geográficas e potencializando e a nossa alienação para com os entes. É a prevalência do ser simplesmente dado sobre o ser à mão; o ente objetivado sobre o ente intencionalmente envolvido, reverberando na nossa relação com o outros e o ambiente que se torna cada vez mais automatizada, mecânica e com laços de envolvimento menos profundos ou profusos.

Em situações de prevalência de entes intramundanos, as qualidades e intensidade da experiência diminuem. No entanto, tanto o ser simplesmente dado quanto o ser à mão são modos de aproximação e envolvimento com o mundo que fazem parte da existência e, enquanto tais, colocam Geografia científica, experiências geográficas e ser-no-mundo no mesmo campo de preocupações. Para mostrar isso, ele recorre aos conceitos/essências mais utilizados pela geografia, que explicitam a relação entre estes três pólos entre a objetividade e a experiência: região (sentido, envolvimento), paisagem (visão, intencionalidade), espaço (disposição, distâncias) e lugar (pertencimento, afetividade, repulsa).

A partir destas essências, Relph (1985) afirma que paisagem, região, espaço e lugar, na perspectiva fenomenológica da experiência vivida, são aspectos fundamentais da unidade do ser humano, indivisíveis do ambiente mundano: são **modos geográficos de existência**.

Estas revelam a complementariedade de presença-ao-alcance e prontas-para-o-uso, apresentando o embate entre técnica (objetivação) e curiosidade-envolvimento com o lugar e a Terra como formas complementares que se entrelaçam para pensar o ser-no-mundo. Este seria o princípio ontológico da Geografia, entendida enquanto **geograficidade** (DARDEL, 2011).

O que está em discussão, portanto, é a forma como pessoas e lugares se constituem, e qual o sentido geográfico da existência. A produção material da vida cotidiana não é dissociada do sentido da experiência. A intensidade do nosso envolvimento está ligado à forma como nossa experiência de ser-no-mundo é equilibrada entre seres simplesmente dados e seres à mão, possibilitando laços geográficos mais perenes e profundos ou mais efêmeros e superficiais.

O fundamental deste entendimento não é o juízo de valor pré-definido (supondo que laços mais profundos e perenes sejam melhores), mas é entender que é nesta ontologia que as experiências e as essências geográficas (lugar, paisagem, espaço, região e território) se constituem.

A ABERTURA ONTOLÓGICA

A grande abertura em termos do pensar uma ontologia geográfica é a maior atenção que tanto filósofos quanto geógrafos têm dedicado, sobretudo a partir do pensamento de Heidegger, à essência espacial do ser. Os desenvolvimentos iniciais vistos até agora, não apenas na Geografia Humanista estadunidense, aproveitam parcialmente as implicações desta ontologia geográfica, embora possamos observar crescente desenvolvimento nos anos recentes.

Estes desenvolvimentos não vêm apenas dos geógrafos, mas também de filósofos que têm se proposto ao diálogo. Filósofos como Frank (1986), Arisaka (1995; 1996), Villela-Petit (1996), Casey (1998; 2001) e Malpas (1999, 2007), têm reconhecido a importância do espaço em todo o pensamento de Heidegger, e não apenas em sua fase madura, chamada de "último Heidegger". Estes autores têm contribuído na exploração das possibilidades abertas pelo diálogo ser, espaço e tempo na própria compreensão da ontologia fundamental heideggeriana. De fato, esta questão é, na opinião de Malpas (2007, p.1), o próprio coração da filosofia heideggeriana. A reflexão sobre o lugar, ou do lugar do ser-no-mundo, é central na filosofia e no pensamento social contemporâneo (CASEY 1993). E Heidegger é um autor fundamental para esta empreitada.

O pensamento espacial heideggeriano ainda foi pouco explorado. Muitos manuscritos do "último Heidegger", período em que o espaço, a linguagem e a poesia tomaram conta de seu pensar, como resposta às principais questões ontológicas, ficaram disponíveis apenas nos últimos anos, com publicações em alemão e no inglês. Este material ainda carece de maior aprofundamento e as possibilidades abertas para a Geografia são significativas.

A importância de seu pensamento pode ser vista nas repercussões na obra dos geógrafos humanistas, como Edward Relph, além da potência da ideia de habitar para entender a relação das pessoas com seus lugares, tema fundamental da geografia contemporânea. O pensamento heideggeriano contribui diretamente para uma Geografia que busca a dimensão da experiência enraizada numa ontologia que inclua o cuidado e a autenticidade do ser-no-mundo como traços fundamentais. Outra temática central atualmente que a Geografia é chamada a contribuir.

A partir de sua contribuição é possível pensar uma ontologia geográfica orientada pela compreensão dos modos geográficos de existência, integrando experiência geográfica, existência e o pensar geográfico da Geografia científica. A expressão desta ontologia é a **geograficidade**, enquanto essência que se refere à geografia (HOLZER, 2010).

Explorar as implicações desta geograficidade para a experiência contemporânea é uma das tarefas mais importantes da ciência geográfica e de sua reflexão ontológica.

REFERÊNCIAS

ARISAKA, Yoko. On Heidegger's theory of space: a critique of Dreyfus. **Inquiry**, v.38, n.4, p.455-467, 1995.

_____. Spatiality, temporality, and the problem of foundation in Being and Time. **Philosophy Today**, v.40, n.1, p. 36-46, 1996.

BERQUE, Agustin. Géogrammes, pour une ontologie des faits géographiques. **L'Espace Géographique**, Paris, n.4, p.320-326, 1999.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra**: seis ensaios sobre geografia e paisagem. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BUTTIMER, Anne. **Values in geography**. Washington: AAG, 1974.

_____. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of the Association of American Geographers**, v.66, n.2, p.277-292, 1976.

_____. Nature, water symbols, and the human quest for wholeness. In: SEAMON, David and MUGERAUER, Robert (eds.) **Dwelling, place & environment: towards a phenomenology of person and world**. New York: Columbia University Press, 1985.

CASEY, Edward S. **Getting back into place: toward a renewed understanding of the place-world studies in continental thought**. Indiana: Indiana University Press, 1993. 432p.

_____. **The Fate of Place: a Philosophical History**. Berkeley: University of California Press, 1998.

_____. Between Geography and Philosophy: what does it mean to be in the place-world? **Annals of the Association of American Geographers**, v.91, n.4, 2001. p.683-693.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra** : natureza da realidade geográfica. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.

ENTRIKIN, J. Nicholas. Contemporary Humanism in Geography. **Annals of the American Geographers**, v.66, n.4, p.615-632, 1976.

FRANCK, Didier. **Heidegger e o problema do espaço**. (trad. João Paz) Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

FOLTZ, Bruce V. **Inhabiting the Earth: Heidegger, Environmental Ethics, and the Metaphysics of Nature**. New York: Humanity Books, 1995.

GRATÃO, Lúcia H.B. **A poética d' "O RIO" – ARAGUAIA!** De Cheias... & Vazantes... (À) Luz da Imaginação! 2002. Tese (Doutorado em Geografia) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002

_____. (À) Luz da imaginação! "O Rio" se revela na voz dos personagens do lugar-ARAGUAIA ! **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 17, n. 28, p.89-120, 1º sem. 2007.

HARRIES, Karsten. Thoughts on a non-arbitrary architecture. In: SEAMON, David. (Ed.) **Dwelling, seeing, and designing: toward a phenomenological ecology**. New York: State University of New York Press, 1993.

JONES III, John P. Segmented worlds and selves. In: ADAMS, Paul et al. (eds.) **Textures of place: exploring humanist geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001.

HARTSHORNE, Richard. **The nature of Geography**. Washington: AAG, 1939.

HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Moraes, 1991.

_____. Identidade e diferença. In: _____. **Os pensadores**. (trad. Ernildo Stein) São Paulo: Abril Cultural, 1999.

_____. Construir, habitar, pensar. In: **Ensaio e conferências**. (trad. Emmanuel C. Leão) Petrópolis: Vozes, 2001a.

_____. "... poeticamente o homem habita..." In: **Ensaio e conferências**. (trad. Emmanuel C. Leão) Petrópolis: Vozes, 2001b.

_____. **Ser e tempo**. (trad. Marcia Sá C. Schuback) 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HESEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista – sua trajetória de 1950 a 1990**. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 1998. Tese (Doutorado em Geografia) – FFLCH/USP, São Paulo.

_____. A Geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto L. (orgs.) **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p.103-122.

_____. A construção de uma outra ontologia geográfica: a contribuição de Heidegger. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, p. 241-251, 2010.

HOYAUX, André-Frédéric. Les constructions des mondes de l'habitat: éclairage pragmatique et herméneutique. **Cybergeo**, n.232, 15 Jan. 2003. Disponível em <<http://www.cybergeo.eu/index3401.html>>.

LIMA, Solange T. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofília e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 117-141, 2002.

MALPAS, Jeff. **Place and Experience**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____. **Heidegger's topology**: being, place, world. Cambridge: MIT Press, 2007.

_____. Heidegger, Geography, and Politics. **Journal of the Philosophy of History**, v. 2, n. 2, p.185-213, 2008.

MARANDOLA JR., Eduardo. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.15, n.24, p. 49-67, 2005.

_____. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008. 278f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008a.

_____. Insegurança existencial e o habitar metropolitano. **Caderno de Geografia**, (PUC-MG), v. 18, n.2, p.39-58, 2008b.

_____. Heidegger como matriz do pensamento fenomenológico em Geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, 2, 2009, São Paulo. **Anais**. Disponível em: <<http://enhpgii.files.wordpress.com/2009/10/eduardo-marandola.pdf>>.

_____. Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em *Place and placelessness*, de Edward Relph. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 16, 2010, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: AGB, 2010.

MARTINS, Élvio. Geografia e Ontologia: o fundamento geográfico do ser. **Ge USP – Espaço e Tempo**, v.21, p.33-51, 2007.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOREIRA, Ruy. Marxismo e geografia: a geograficidade e o diálogo das ontologias. **GEOgraphia**, Niterói: PPGeo-UFF, Ano VI, n. 11, p.21-37, 2004.

NOGUEIRA, Amélia R. B. Uma interpretação fenomenológica na Geografia. In: SILVA, Aldo; GALENO, Alex. (Org.). **Geografia Ciência do Complexus**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 209-236.

_____. A geograficidade dos comandantes de embarcação no Amazonas. **Terra Livre**, v. 26, p. 91-108, 2006.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci**: Towards a Phenomenology of Architecture. Nova York: Rizzoli international Publications, 1980.

PÁDUA, Ligia T.S. **A topologia do ser**: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Rio de Janeiro: Loyola, 2008.

PICKLES, John. **Phenomenology, Science and Geography**: spatiality and the human sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

PILE, Steve; THRIFT, Nigel. Mapping the subject. In: _____. (eds.) **Mapping the subject**: geographies of cultural transformation. London: Routledge, 1995.

REIS, Luis C.T. Ontologia do Espaço e Movimento de Renovação Crítica da Geografia: O desafio da diferença ontológica. **Geografafes**: Revista do Mestrado e do Departamento de Geografia, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, v. 7, p. 111-122, 2009.

RELPH, Edward. **Place and placeless**. London: Pilon, 1976.

_____. Geographical experiences and being-in-the-world: the phenomenological origins of geography. In: SEAMON, David and MUGERAUER, Robert (eds.) **Dwelling, place & environment**: towards a phenomenology of person and world. New York: Columbia University Press, 1985. p.15-31.

RODAWAY, Paul. Exploring the subject in hiper-reality. In: PILE, Steve; THRIFT, Nigel. (eds.) **Mapping the subject**: geographies of cultural transformation. London: Routledge, 1995

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEAMON, David. Dwelling, seeing, and designing: an introduction. In: _____. (Ed.) **Dwelling, seeing, and designing**: toward a phenomenological ecology. New York: State University of New York Press, 1993.

SILVA, Armando C. O Espaço como Ser: uma auto-avaliação crítica. In: MOREIRA, Ruy. (org.) **Geografia**: teoria e crítica. Rio de Janeiro: Vozes, 1982. p.75-92.

SOJA, Edward. **Postmodern geographies**: the reassertion of space in critical social theory. London: Verso, 1989.

VILLELA-PETIT, Maria. Heidegger's conception of space. In: MACANN, Christopher (ed.) **Critical Heidegger**. London: Routledge, 1996. p.134-157.

TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. **The Geographical Review**, v.6, n.2, p.151-165, 1975.

_____. **Space and place**: the perspective of experience. Minneapolis: University of Minneapolis Pres, 1977.

YOUNG, Julian. What is dwelling? the homelessness of modernity and the worlding of the world. In: WRATHALL, Mark A. e MALPAS, Jeff. (eds.) **Heidegger, authenticity, and modernity**: essays in honor of Hubert L. Dreyfus. Massachusetts: The MIT Press, 2000. p.187-203.

Recebido em agosto de 2011

Aceito em setembro de 2011